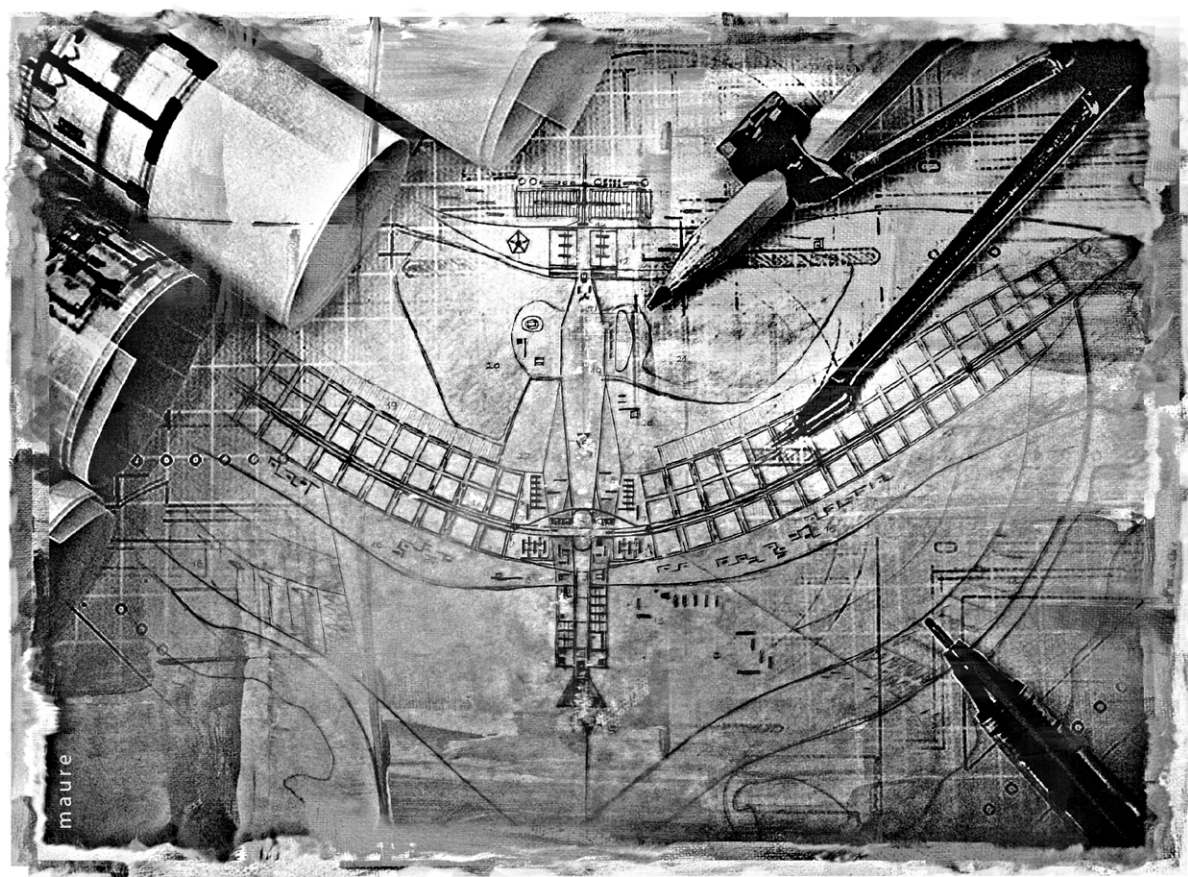


Brasília, nosso sonho, nossa gente

» IBANEIS ROCHA
Governador do Distrito Federal



Sou um incorrigível quando se trata de exaltar Brasília, e governar o Distrito Federal foi, sem sombra de dúvidas, o desafio mais provocante a que me propus desde quando deixei a maternidade do Hospital de Base, onde nasci, ao lado de tantas crianças transformadas hoje em cidadãs e cidadãos de uma cidade que amadurece sem nunca perder o seu magnetismo.

Assentamentos, superquadras e avenidas inicialmente abertos, além dos monumentos e das edificações para administração, são símbolos, ainda hoje, do esforço dos construtores para dar condições de domicílio aos pioneiros aqui instalados — entre os quais, incluo os meus familiares, vindos do Piauí — e a outros tantos a chegar em grandes levas, após se reconhecer, 64 anos atrás, que o Brasil conseguira, enfim, erguer uma nova capital na então árida paisagem do Planalto Central.

Esse esforço continua até hoje, num processo que, tenho a impressão, está longe de acabar, pois as necessidades de um mundo em transformação exigem, além das adequações necessárias, correções e acréscimos ao projeto original, o comprometimento cada vez maior dos gestores com o bem-estar da população a que serve. Sou afeito a desafios, e, uma vez que eles estão aí, exigindo o envolvimento de toda a administração, e, por hierarquia, mais de mim, resolvi enfrentá-los sem assombro.

Para começar, em um país de desigualdades profundas e parcos investimentos em infraestrutura, não é de estranhar o abismo que separa cidades de diferentes regiões no quesito saneamento básico. Porém, os dados do Censo estão aí para mostrar o quanto avançamos, ficando o Distrito Federal no nível de cidades europeias, atrás apenas de São Paulo em

saneamento, coleta e tratamento de esgoto. Enquanto o senso comum (que melhor seria chamar de incomum) leva muitos políticos a postergar obras que não têm a mesma visibilidade de pontes e praças, nós não medimos esforços numa empreitada muitos metros abaixo do chão para acabar com o trauma dos alagamentos durante as chuvas. Jamais se investiu tanto em infraestrutura.

Estar no topo dentre as metrópoles com melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ser única cidade brasileira a ocupar lugar no ranking do jornal americano *The New York Times* como um dos melhores destinos do mundo e, ao mesmo tempo, ostentar o menor índice de analfabetismo da Federação (1,7%, contra os 5,6% que representam a média nacional) são fatos que precisam ser compreendidos como resultados de políticas públicas efetivas, que permitiram ao DF, nos dias atuais, criar a maior rede de proteção social do Brasil.

Isso representa uma conquista para um povo que fez por merecê-la — trabalhou, confiou, acreditou. Nessa terra que tão bem acolheu milhares de pessoas sofridas e lutadoras vindas de todas as regiões, o futuro continua promissor. Foram elas que edificaram palácios, ministérios, igrejas, catedral. Cavaram o lago, levantaram casas, prédios residenciais, abriram e asfaltaram largas avenidas.

E, embora diferenciados em suas matrizes culturais, plasmaram uma identidade, uma só gente, participando de um corpo de tradições comuns. A Brasília que compartilhamos hoje há muito deixou de ser a “ilha da fantasia” de que se falava no passado, com desdém e descrédito, pelos insatisfeitos com a transferência da capital. Brasília representa uma forma singular de organização social, a espantar até mesmo os

que chegaram impregnados pela poeira vermelha. Terceiro maior aglomerado urbano do país, é, na sua essência, diferente de tudo o que vemos por aí. Inclusive, pela sua alegria e vontade de felicidade, que nos alenta e motiva a continuar trabalhando.

Já ouvi, em diversas ocasiões, que Brasília, nos últimos anos, voltou a ser um canteiro de obras, muitas vezes, atrapalhando a rotina dos deslocamentos de carros. No entanto, desconheço quem não admita a sua necessidade. Sem falar no alcance social de cada uma dessas obras, nos empregos que elas impulsionam, na dinâmica da mobilidade e na visível melhoria da qualidade de vida da população. Nenhuma obra foi ou está sendo concebida para atender outros interesses senão esses. Elas resultam de estudos aperfeiçoados a partir das sugestões da comunidade, do contato direto do governo com a população pobre — essa sempre enriquecedora experiência de sentir e ouvir os que mais necessitam de atenção. Você é capaz de fazer um programa de governo inteiro e tirar lições importantes conversando com pessoas anônimas na feira, por exemplo.

Hoje, mais do que nunca, estou convencido de que os avanços que tivemos em várias áreas sociais se devem fundamentalmente à força reivindicadora das pessoas simples, do povo. Por essa razão, não canso de repetir que nosso guia são as pessoas, suas vidas, pois cuidando do seu bem-estar estamos concretizando o sonho de Dom Bosco e nos fazendo merecedores do legado de Juscelino Kubitschek, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro, e, entre tantos nomes ilustres, o maior de todos — o candango.

Muitos anos de vida, Brasília!

UnB abraça Brasília

» OLGAMIR AMANCIA
Decana de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Brasília faz 64 anos reconhecida mundialmente como a capital que se constituiu historicamente com a marca da esperança de uma nova sociedade mais justa, humana, inovadora e inclusiva. Da arquitetura às belezas naturais, do convívio plural de pessoas de diversas origens, do contraste entre o céu e os monumentos, das riquezas culturais à pujança intelectual de sua universidade, tudo em Brasília faz pulsar a imaginação de uma vida mais plena em vários sentidos. Esse é, sem dúvida, entre tantos outros, um legado simbólico de nossa cidade para as atuais e futuras gerações que ajudam a fazer a cidade também amparadas nesse desejo que espelha um país melhor.

De maneira decisiva, a Universidade de Brasília (UnB) tem contribuído, nos 62 anos de sua história, para fazer de Brasília referência nacional e global em ensino, pesquisa, extensão e inovação. A atuação nesses âmbitos tem fortalecido a relação entre a UnB e a comunidade do DF, cujas histórias se entrelaçam e se retroalimentam intensivamente. A extensão é o âmbito da universidade pública que abraça a missão de aprofundar cada vez mais os vínculos entre a academia e a sociedade, com vistas à transformação social.

Abrangendo a pesquisa, a formação comprometida com o concreto e a inovação que oferece melhorias ao cotidiano da população, a extensão da UnB tem atuado de maneira destacada para que Brasília tenha sempre motivos para comemorar e razões para

seguir trabalhando com o olhar no horizonte projetado pelos criadores de nossa cidade e de nossa universidade.

A UnB era chamada por Darcy Ribeiro de “minha ave de utopia”. Incrustada originalmente em área privilegiada na Asa Norte do Plano Piloto, a UnB soube conduzir seu voo utópico para outros territórios, aumentando seu diálogo com as comunidades dos três campi: no Gama, na Ceilândia e em Planaltina.

Sintonizada com a metáfora usada por Darcy Ribeiro, a Extensão da UnB nos últimos anos desenvolveu uma política de forte vinculação com outros territórios, consolidando espaços de construção dialógica do saber nos polos de Extensão do Recanto das Emas, da Ceilândia, atendendo também as regiões da Estrutural e de Samambaia, dos territórios Kalunga de Cavalcante e da Chapada dos Veadeiros, ambos em Goiás.

Na semana em que comemoramos o aniversário de nossa cidade, tivemos a alegria de poder consolidar, junto à Secretaria de Educação do DF, mais um espaço de extensão da UnB, que acolherá o Polo UnB-Paranoá/Itapoã na Escola Classe 502 do Itapoã. É mais um presente para a UnB e para Brasília que muito significará para a vida cotidiana das populações dessa região.

Esses espaços constituem hoje a Rede de Polos de Extensão da UnB (Repe), que, juntamente com a Rede de Casas Universitárias de Cultura da UnB (CUC), desenvolveu, nos

últimos quatro anos, mais de 300 projetos de extensão em diversas áreas do conhecimento: artes, tecnologia, educação, arquitetura, saúde, direito etc. Todos esses projetos recebem do Decanato de Extensão, desde 2020, significativo aporte de recursos para custeio de atividades e bolsas para estudantes de graduação.

O mais relevante para a cidade é que essa quantidade de ampla de ações, desenvolvidas por docentes, técnicos e estudantes da nossa instituição, faz com que o conhecimento produzido na UnB ultrapasse suas fronteiras e tenha significado prático na vida dos habitantes, ressignificando valores como os da cidadania, da justiça social e do bem viver.

Nos últimos anos, a UnB tem realizado inúmeros esforços para que, por meio de metodologias de gestão modernas, ousadas e responsáveis, seja possível uma intensificação da relação da universidade com sua memória e com os preceitos de seus fundadores, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Para eles, uma universidade só poderia ter relevância social enquanto detentora da excelência do saber que, por sua vez, precisaria ser socialmente referenciado.

Esse é o compromisso da UnB com a sua cidade: não deixar jamais que a ave de utopia cesse o seu voo, fazendo o que estiver a seu alcance para que esse voar signifique uma vida melhor para o conjunto da sociedade. Parabéns, UnB! Parabéns, Brasília!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.df@dabr.com.br

Um discurso para a capital – Parte 1

Para o conhecimento das novas gerações, eis aqui trechos do discurso do presidente da República Juscelino Kubitschek feito há 64 anos, na noite de 21 de abril de 1960, durante o ato oficial que inaugurou Brasília, comentado pela coluna. Depois de três anos de intensa construção, a capital de todos os brasileiros, hoje Patrimônio Cultural da Humanidade, era finalmente entregue ao povo. Trata-se do mais importante documento acerca desse feito histórico.

“Não me é possível traduzir em palavras o que sinto e o que penso nesta hora, a mais importante de minha vida de homem público. A magnitude desta solenidade há de contrastar por certo com o tom simples de que se reveste a minha oração. Dirigindo-me a todos os meus concidadãos, de todas as condições sociais, de todos os graus de cultura, que, dos mais longínquos rincões da Pátria, voltais os olhos para a mais nova das cidades que o Governo vos entrega, quero deixar que apenas fale o coração do Vosso Presidente”. Aqui, mais do que nos trechos de cunho político, a fala do então presidente, como era de seu perfil humano e sensível, deixa expressa toda a sua emoção com a realização da mais gigantesca obra já realizada por mandatário em toda a história do país.

“Não vos preciso recordar, nem quero fazê-lo agora, o mundo de obstáculos que se afiguravam insuportáveis para que o meu Governo concretizasse a vontade do povo, expressa através de sucessivas constituições, de transferir a Capital para este planalto interior, centro geográfico do País, deserto ainda há poucas dezenas de meses.” Nesse ponto, o presidente, a quem o povo apelidou simplesmente de JK, deixa escapar, em resumo, os diversos obstáculos políticos e de toda a ordem que teve que enfrentar para construir Brasília. “Não nos voltemos para o passado, que se ofusca ante esta profusa radiação de luz que outra aurora derrama sobre a nossa Pátria”. Ele deixa claro que mesmo esses obstáculos, que se faziam intransponíveis e quase lhe custaram o mandato, se tornavam ínfimos diante da realização de tão monumental obra.

“Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas e erguer-se pôr fim a jovem Cidade. Vós todos, aqui presentes, a estais vendo, agora, estais pisando as suas ruas, contemplando os seus belos edifícios, respirando o seu ar, sentindo o sangue da vida em suas artérias.” Inúmeras vezes, JK deixava o Rio de Janeiro, então capital, e voava à noite para Brasília, um Cerrado imenso intocado pelo homem, apenas para contemplar as primeiras construções que se erguiam solitárias nesse descampado.

“Somente me abalancei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente no território que a Providência Divina lhe reservara. Nosso parque industrial e nossos quadros técnicos apresentavam condições para traduzir no betume, no cimento e no aço as concepções arrojadas da arquitetura e do planejamento urbanístico modernos.” Nesse parágrafo, JK deixa claro que a convicção para erguer a capital veio quando ele se certificou de que já havia condição estratégica e toda uma infraestrutura nacional para dar início à tão ousada empreitada.

“Surgira uma geração excepcional, capaz de conceber e executar aquela ‘arquitetura em escala maior, a que cria cidades e, não, edifícios’, como observou um visitante ilustre. Por maior que fosse, no entanto, a tentação de oferecer oportunidade única a esse grupo magnífico, em que se destacam Lucio Costa e Oscar Niemeyer, não teria ela bastado para decidir-me a levar adiante, com determinação inflexível, obra de tamanha envergadura.” Obviamente que, para levar adiante tamanho desafio, foi fundamental contar com a colaboração de homens excepcionais, dotados também de inteligência e força de vontade. Mais do que cimento e aço, a presença desses homens, entusiasmados como ele, foi fundamental para tal desafio.

“Pesou, sobretudo, em meu ânimo, a certeza de que era chegado o momento de estabelecer o equilíbrio do País, promover o seu progresso harmônico, prevenir o perigo de uma excessiva desigualdade no desenvolvimento das diversas regiões brasileiras, forçando o ritmo de nossa interiorização. No programa de metas do meu Governo, a construção da nova Capital representou o estabelecimento de um núcleo, em torno do qual se vão processar inúmeras realizações outras, que ninguém negará fecundas em conseqüências benéficas para a unidade e a prosperidade do País.” Com essas palavras, é visível o elemento que caracteriza o homem público e estadista, que é a visão do futuro e a faculdade de pensar no amanhã do país, colocando um ponto final no histórico abandono do interior do Brasil.

“Viramos no dia de hoje uma página da história do Brasil. Prestigiado, desde o primeiro instante, pelas duas Câmaras do Congresso Nacional e amparado pela opinião pública, através de incontável número de manifestações de apoio, sinceras e autenticamente patrióticas, dos brasileiros de todas as camadas sociais que me acolhiam nos pontos mais diversos do território nacional, damos por cumprido o nosso dever mais ousado; o mais dramático dever. Só nós que não conhecíamos diretamente os problemas do nosso Hinterland percebemos, a princípio, dúvida, indecisão.” Nesse ponto do discurso, JK deixa claro que a construção da nova capital marcaria, doravante, uma nova e definitiva etapa na história do Brasil. Uma etapa, como ele afirma, ousada e, ao mesmo tempo, dramática, tamanho era esse desafio.

“Mas no País inteiro sentimos raiar a grande esperança, a companhia constante em toda esta viagem que hoje concluímos; ela amparou-nos a todos, a mim e a essa esplêndida legião que vai desde Israel Pinheiro, cujo nome estará perenemente ligado a este cometimento, até ao mais obscuro, ao mais ignorado desses trabalhadores infatigáveis que tornaram possível o milagre de Brasília.” Mais uma vez, são mencionados a força e o entusiasmo das pessoas que cercaram JK nesse projeto. Sem esse mutirão humano e cheio de esperança, nada seria possível.

“Em todos os instantes nas decepções e nos entusiasmos, levantando o nosso ânimo e multiplicando as nossas forças, mais de que qualquer outro amparo ou guia, foi a Esperança valimento nosso. Um homem, cujos olhos morreram e ressuscitaram muitas vezes na contemplação da grandeza — aludo, novamente, a André Malraux — viu em Brasília a Capital da Esperança. Seu dom de perceber o sentido das coisas e de encontrar a expressão justa fê-lo sintetizar o que nos trouxe até aqui, o que nos deu coragem para a dura travessia, que foi a substância, a matéria-prima espiritual desta jornada. Olhai agora para a Capital da Esperança do Brasil.” O antigo e saudosos presidente alude ao poder mágico e invisível da esperança.